

Aconselhamento é a Igreja



David A. Powlison¹

Jesus dá para Seus discípulos uma grande missão. Aquilo que faz o Maravilhoso Conselheiro tão maravilhoso inclui uma grande quantidade de “atributos comunicáveis”. Certamente há atributos que o Senhor guarda para Si mesmo, Seus atributos incommunicáveis: onisciência e onipotência, para começo de conversa. Estes atributos – conhecer todas as coisas e ser capaz de usar todas estas informações – fariam o aconselhamento brilhar!

No entanto, o Senhor nos dá generosamente tudo quanto necessitamos para aconselhar bem. Ele nos ensina a tratar as pessoas com o amor sábio que é capaz de perscrutar cada faceta da condição humana. O Redentor produz *sub-redentores* que podem socorrer outros de forma eficaz naquilo em que precisam de ajuda. O dis-

cernimento, o amor e a destreza necessários podem estar presentes em nossas vidas individual e coletivamente. O amor sábio, a alegria com entendimento, a compreensão pacífica, o compromisso paciente com pessoas e problemas a longo prazo também? Sim, o aconselhamento é uma expressão primordial dos frutos que representam o que a Igreja é por definição e aquilo que ela está se tornando pelo processo redentor. O aconselhamento é aquilo que *define* a Igreja – os estagiários do Maravilhoso Conselheiro.

Esta afirmação levanta milhares de perguntas. Neste artigo não vou focalizar a nossa “fé e prática” (o equivalente cristão de “teoria e terapia”), mas as nossas estruturas institucionais. Parece entediante? Não é. Somos criaturas sociais por natureza, nem porcos-espinhos nem elefantes selvagens. As criaturas sociais formam comunidades organizadas de uma forma ou de outra. O aconselhamento é uma atividade que envolve diferentes estruturas organizacionais e funções. Discutire-

¹Tradução e adaptação de *Counseling is the Church*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.20, n.2, Winter 2002. p. 2-6.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*.

mos aqui dois grupos de perguntas acerca das nossas instituições.

O primeiro conjunto de perguntas indaga: “Qual *deve* ser a estrutura social para o aconselhamento se desejamos agradar ao Pastor?” Como deve ser organizada a cura das almas? Quais estruturas institucionais devem estar disponíveis para equipar e supervisionar o ministério um a um? Como deve ser exercido o cuidado pastoral fundamental? Quais credenciais e características definem a liderança e validam o profissionalismo na cura das almas? Qual é o papel do “uns aos outros”, da amizade e do discipulado? Como devemos desenvolver e dirigir a fé e a prática, os conceitos e os métodos do nosso aconselhamento para que cresçamos fielmente e permaneçamos fiéis a Deus?

O segundo grupo de perguntas indaga: “Como *tem sido* o desempenho da Igreja no aconselhamento?” Qual é a viabilidade e validade das nossas organizações institucionais atuais? Atendemos às necessidades? Estamos ao menos cientes daquilo de que precisamos? Quais são as implicações decorrentes do fato de que a Igreja carece atualmente de vários componentes institucionais necessários para praticar a cura das almas?

A Bíblia trata não apenas de ideias e práticas, mas também de estrutura social: instituições, comunidades, organização e programas. O Espírito Santo tenciona que desenvolvamos organismos sociais para a cura das almas? A resposta é “Sim”. A Igreja – conforme definida na Bíblia – encerra em si uma extraordinária união de papéis de liderança e mutualidade, de papéis especializados e não especializados, de verdade e amor, de sabedoria para viver, de flexibilidade para alcançar uma série de

problemas que os pecadores e os sofredores enfrentam. O povo de Deus, funcionando como tal, constitui-se na instituição ideal e desejável para tratar os problemas que nos afligem. Esta instituição pode se adaptar para lidar com milhares de problemas diferentes.

O cuidado e a cura das almas – confortar os sofredores e transformar os pecadores – é um componente do ministério integral da Igreja de acordo com a Bíblia. No entanto, talvez estejamos fazendo a obra com deficiência. O Senhor, cuja vontade está revelada na Bíblia, insta-nos à cura das almas. Se o aconselhamento diz respeito de fato à compreensão e solução da condição humana, se ele lida com os problemas reais de pessoas reais, se menciona o nome de Jesus Cristo (ou deveria, mas não o faz), então ele trafega entre a teologia e a cura das almas. O “aconselhamento” deveria expressar e estar sob a autoridade e ortodoxia da Igreja.

O que a Igreja tem feito com respeito à cura das almas? Para aqueles que compartilham a visão bíblica, não é suficiente proclamar “a Igreja, a Igreja, a Igreja”. Esta declaração soa bem e, evidentemente, é verdadeira – na teoria. Mas a Igreja não tem plenamente disponíveis, no atual momento, as declarações de compromisso, os recursos educacionais, os sistemas de treinamento, os mecanismos de supervisão e os locais de ação necessários para corresponder às expectativas. Existem alguns bons começos e sinais promissores – mas ainda resta *muito* espaço para crescimento. A autonomia funcional e o potencial de confusão e erro não são problemas apenas do profissionalismo da saúde mental. Dentro da própria Igreja, a cura das almas opera como uma imagem refletida do

mundo secular, com autonomia e potencial para problemas teológicos e práticos.

Deixe-me dar um exemplo concreto do problema. Pertença à Presbyterian Church in America (Igreja Presbiteriana na América). Um dos líderes em nossa congregação, que chamarei de André, está no processo de ordenação. Para ser ordenado, reconhecido como competente para pastorear o povo de Deus, André será testado em muitas áreas significativas. Seu caráter pessoal deve preencher os requisitos de maturidade cristã e fidelidade a Cristo experimentadas. Ele precisa passar por exames de conhecimento bíblico, teologia própria (conceito de Deus), soteriologia (conceito de salvação), exegese (sua habilidade de extrair o que a Bíblia diz), história da Igreja (como chegamos onde estamos), governo de igreja local (como que a máquina funciona) e pregação (sua habilidade de falar à multidão e comunicar a ortodoxia verdadeira de maneira graciosa).

E com respeito à cura das almas e o aconselhamento? André não será examinado quanto àquilo que ele acredita e como ele pratica o ministério pastoral. Ele não apresentará um estudo de caso de um casamento em processo de se desfazer, de uma mulher com comportamento bulímico ou de alguém no abismo da depressão. Não existe uma tradição de sabedoria para a cura das almas em que André tenha sido intencional, necessária e sistematicamente instruído. Não existe um sistema institucional - incluindo declaração de fé, educação, qualificação e supervisão - para ajudá-lo a pensar biblicamente sobre o aconselhamento assim como sobre soteriologia, pregação e evangelismo. Sua perspectiva sobre o aconselhamento será uma questão de opinião e consciência. O

aconselhamento é um campo ainda desconhecido. André pode crer e fazer o que quiser na área do aconselhamento, desde que seja capaz de dar a resposta correta às perguntas técnicas e teológicas sobre santificação.

Imagine então que André precise lidar com Rogério, um membro problemática da igreja. Rogério é emocionalmente instável, dado a acessos de raiva, surtos de depressão e ansiedade generalizada constante. Seus relacionamentos com outros são distantes e seu histórico no trabalho está manchado. Como pastor da Presbyterian Church in America, André poderia escolher uma entre muitas abordagens essencialmente diferentes para tratar esse membro do rebanho de Cristo. Rogério poderia ser encaminhado a um psiquiatra secular para um tratamento com Prozac para estabilizar seu humor. Ou poderia ser encaminhado a uma clínica de psicologia cristã, para além de tomar Prozac, ser ensinado nos princípios da psicologia unidos a alguns princípios bíblicos. Talvez o próprio André pudesse aconselhar Rogério, investigando a dor e os desapontamentos causados anos atrás por aqueles que deveriam ter cuidado dele, com o propósito de redirecionar os seus anseios profundos por relacionamento para um relacionamento com o Senhor. Ou André poderia tratar Rogério como alguém frustrado na busca de significado, que precisa olhar para Jesus para ganhar o significado que tanto deseja: “Deus não faz lixo, e Jesus o escolheu porque Ele o ama. A criação e a redenção podem ajudá-lo a sentir-se bem consigo mesmo”. André poderia tentar identificar e expulsar os demônios da ira, que se ligaram à linhagem familiar de Rogério pelos pecados das

gerações passadas e agora o escravizam. Rogério poderia ser enviado a um psicólogo secular para uma reorganização cognitiva-comportamental que o disciplinaria em um racionalismo estóico, baseado em um referencial de escolha pessoal, e não no relacionamento com o Salvador vivo. André poderia dar a Rogério um curso de doutrinas cristãs básicas ou uma dose concentrada de sua doutrina favorita. Na verdade, André não precisa nem mesmo acreditar em aconselhamento, mas poderia defender a idéia de que sentar-se e ouvir uma pregação da Palavra, participar do culto e cultivar uma vida devocional mais consistente são suficientes para curar o que aflige a Rogério. Ou ainda André poderia procurar compreender e aconselhar Rogério de acordo com a teoria e a prática do aconselhamento bíblico, com base no que ele entende ser o aconselhamento bíblico (o que, em alguns casos, poderia também incluir componentes das alternativas mencionadas acima). Seja qual for o caso, o tipo de cura e cuidado que Rogério receberá depende da escolha de André. E André não será ensinado, provado, questionado, supervisionado, encorajado ou corrigido no que diz respeito a essa escolha.

Como este problema pode ser resolvido? Quero identificar aqui cinco necessidades. Primeiro e mais importante, o povo cristão (“a Igreja”) precisa se tornar *sábio na cura das almas*. Não podemos articular, praticar, ensinar ou regular aquilo que não sabemos como definir ou fazer. A sabedoria bíblica, que inclui entendimento, *insight* perspicaz, habilidade de discernir, amor paciente e generoso, eficácia, receptividade ao ensino, coragem, é altamente atrativa e persuasiva. Estes traços

adornam as verdades professadas. É fácil discutir com alguém que apenas agita uma bandeira de compromissos declarados, mas não tem instrução, é ignorante e pretensioso. É mais difícil demolir a perspectiva daqueles que estão sujando suas mãos e fazendo a diferença ao falarem com sabedoria bíblica. A realidade prática é que a Igreja tem sido medíocre no entendimento do processo de mudança e na capacitação para o aconselhamento, o que faz com que as psicoterapias se tornem aceitáveis a muitos, tanto fora como dentro da Igreja.

A sabedoria precisa ser articulada conceitualmente, precisa se tornar habilidosa metodologicamente para, então, ser uma realidade institucional. Deixe-me frisar o *institucional*. Quando as pessoas estão com problemas ou transtornadas, *quem* irá ajudá-las? *Onde* está o local social para tal ajuda? *Quanto* irá durar? *Que formas* de ajuda serão oferecidas? Visto que qualquer ministério custa dinheiro, como a ajuda será *financiada*? À medida que um aconselhamento bíblico maduro caracterizar as estruturas e a prática da Igreja, soará cada vez mais plausível que Jesus e a Palavra têm algo fundamental e determinante a nos dizer sobre aconselhamento. Faremos o que precisa ser feito?

Segundo, precisamos de *padrões doutrinários* na cura das almas ou ao menos de um corpo de teologia prática documentado, amplamente reconhecido. Um sistema de teologia prática serve como um documento que podemos subscrever, uma referência que podemos ter como alvo educacional e um padrão por meio do qual podemos ser supervisionados e desafiados com relação à nossa fé e prática. Um credo é um ponto de partida, orientando uma trajetória subsequente de desenvolvimento.

Atualmente, aquilo que se exige em termos de “fé e prática” não inclui uma perspectiva sobre o aconselhamento (a exceção de extensões e aplicações gerais em questões sobre a natureza do ministério, a natureza humana e a santificação progressiva). **Fé e prática precisam se estender para incluir questões como “teoria da personalidade”, “metodologia do aconselhamento”, “dinâmica de mudança” e “prática da cura das almas.” Qual é o padrão para fé e prática em aconselhamento?**

Terceiro, precisamos de *instituições educacionais* comprometidas com um modelo bíblico distinto de compreensão do ser humano e mudança. Por muitos anos, os seminários não ensinaram praticamente nada sólido sobre a santificação progressiva e as particularidades da cura das almas. Nos últimos 30 anos, os programas e os departamentos de “aconselhamento” explodiram, mas os resultados são muito inconstantes em termos de um pensamento bíblico consistente. Em geral, as faculdades cristãs possuem um departamento de psicologia. Normalmente, porém, o que se ensina não difere em muito daquilo que uma instituição secular ofereceria. Muitas instituições dão uma versão abreviada de teorias e métodos seculares. Poucos ensinam como entender e aconselhar de maneira harmoniosa com **a perspectiva bíblica sobre a cura das almas.** Como as pessoas aprendem a ser conselheiros habilidosos?

Quarto, a cura das almas precisa tornar-se parte dos *procedimentos de qualificação* da igreja para o reconhecimento de obreiros dignos de confiança e capacitados. Os padrões para o reconhecimento da **verdade, do amor e da habilidade** precisam ser estabelecidos em dois níveis. Um dos níveis qualifica a liderança pastoral:

ordenação. A habilidade na conversação com indivíduos, casais e famílias precisa se tornar requisito tão importante quanto a habilidade de falar à multidão. Os candidatos ao pastorado não deveriam apenas provar que são ortodoxos e podem discursar diante de uma audiência. Eles deveriam apresentar um estudo de caso que mostrasse como entenderiam e tratariam um caso de conflito conjugal, transtorno alimentar ou depressão. Um segundo nível de reconhecimento qualifica os membros de uma igreja local a atuarem em ministérios diversos debaixo da autoridade do pastor e de líderes. **Aqui é onde a maior parte do aconselhamento sábio e contínuo, seja formal ou informal, ocorre.** Os líderes de grupos pequenos, os mentores, os conselheiros treinados para atuar junto a mães solteiras, entre outros, deveriam atuar dentro de uma perspectiva cristã distinta. A maioria dos cristãos que atualmente aconselham com credenciais de profissionais seculares são pessoas leigas no aspecto eclesiástico e, como parte de seu próprio compromisso com Jesus, eles deveriam voluntariamente submeter suas teorias, métodos e estruturas à supervisão da igreja, e subscrever o modelo cristão distinto para o entendimento do ser humano e do processo de mudança. Como que a sabedoria e a fidelidade no ministério de aconselhamento podem ser reconhecidos e afirmados?

Quinto, precisamos de *estruturas supervisoras* para a cura das almas na Igreja. As profissões seculares ligadas à saúde mental usualmente oferecem educação continuada, disciplina para ofensas morais (quebra de confiança em questões financeiras, sexuais ou confidenciais) e supervisão de casos para o desenvolvimento

contínuo de habilidades e pensamento. A Igreja tem oferecido, com frequência, uma educação continuada (p. ex., livros, conferências de vários tipos, programas de pós-graduação). A Igreja tem disciplinado, frequentemente, por ofensas morais e doutrinárias. Mas a cura das almas tende a escorrer por entre os dedos. Como já disse, é uma atividade opcional com crenças e práticas opcionais: um campo ainda desconhecido. A supervisão pastoral – supervisão e discussão de casos – é uma necessidade evidente dentro das igrejas locais e outros campos de ministério. É necessário que exista uma interação e uma supervisão extensas com relação à fé e prática da cura das almas. A interpretação que se dá à vida e os conselhos que são ministrados aos aconselhados são *importantes*. Um psicoterapeuta secular tem liberdade para adotar qualquer das muitas orientações teóricas – comportamental, cognitiva, psicodinâmica, existencial etc. – ou pode adotar vagamente uma ou outra teoria e trabalhar de modo eclético. A Igreja não crê nesta diversidade teórica, mas procura aprimorar-se na verdade e no amor para ser coerente com o ponto de vista de Deus e com o caráter e o propósito de Jesus Cristo conforme revelados na Bíblia. Como podemos proteger e aumentar a sabedoria no aconselhamento?

Como tem sido o nosso desempenho? As habilidades, os padrões, as estruturas e as funções atuais estão frequentemente muito distantes daquilo que estou propondo. Talvez pareça até ridículo propor que a Igreja exerça domínio na cura das almas. Em nossa cultura, o aconselhamento renegou a Deus e à verdade; ele é basicamente um desertor mesmo quando está dentro da Igreja. Mas sem sabedoria bíblica na

verdade, na prática e na estrutura social, nós não podemos funcionar realmente como povo de Deus. **A Igreja é aconselhamento, conforme Efésios 4. Nosso chamado diz respeito à verdade e ao amor que transformam vidas.**

Com certeza, as teorias das psicologias modernas sobre a motivação humana não resistiriam dez minutos se fossem examinadas em uma aula de teologia sistemática sobre a natureza humana. Mas o sapato calça no outro pé também. O estado atual de muitas das estruturas da Igreja, do desenvolvimento teórico e da prática ministerial para a cura das almas não resistiriam dez minutos em uma aula de aconselhamento secular sobre como se envolver profundamente e perseverar no cuidado de uma pessoa problemática! Nas *páginas da Bíblia* temos um modelo de valor (e o mundo secular faria qualquer coisa para ter ao menos algo parecido!): encontramos ali uma união perfeita de pessoas com habilidades especializadas e de recursos da comunidade, uma união perfeita de funções educacionais e de funções corretivas, uma união perfeita de conforto para aqueles que sofrem e de transformação para aqueles cujas vidas precisam de mudança. Mas na prática atual da Igreja, com frequência, tanto aqueles que são identificados como especialistas na cura das almas como a comunidade ficam lamentavelmente aquém da compreensão e competência bíblicas.

Nós que clamamos por um aconselhamento centrado na Igreja enfrentamos um dilema. Não possuímos muitos dos componentes necessários para definir, capacitar obreiros e regular a prática da cura das almas conforme cremos. **As deficiências conceituais e estruturais** entre os

psicoterapeutas no campo secular refletem-se nas deficiências conceituais e estruturais entre os pastores e demais obreiros cristãos. É bom chamar os cristãos à cura das almas em submissão à doutrina e à vida da igreja local. Mas a igreja precisa *tornar-se* de longe um lugar melhor para onde ir e sob cuja autoridade se colocar.

Creio que orientar a cura das almas em direção ao modelo profissional da saúde mental é fundamentalmente, e até mesmo desastrosamente, errado. Ao mesmo tempo, o compromisso com um ministério de aconselhamento verdadeiramente sábio e orientado pela Igreja está a anos e décadas de apresentar estruturas institucionais significativas. O que precisamos fazer agora? Jesus nos chama a direcionar nossos remos no rumo certo, ainda que o destino pareça bem distante. Tenhamos

o propósito certo. Andemos na direção correta. Trabalhem em direção aos objetivos corretos. Jesus Cristo, nosso Senhor vivo, irá nos aperfeiçoar juntos na maturidade da Sua sabedoria. Efésios 4 nos dá nosso *modus operandi*, bem como nosso objetivo. Espero que esse artigo sirva como um pequena “verdade falada em amor” rumo ao aperfeiçoamento da sabedoria, do amor e do poder que devem nos caracterizar em conjunto como povo do Deus vivo. Cada um de nós precisa trabalhar para desmontar o profissionalismo autônomo, ao invés de contribuir para solidificá-lo. Cada um de nós precisa trabalhar para **fazer com que a nossa lealdade professada à Igreja seja uma realidade significativa, ao invés de ser apenas uma mera confissão de boas intenções.**